

4

Domingos Ferreira e
Francisco Guimarães



Alerta

(2.ª SÉRIE)



PUBLICAÇÃO SEMANAL DE CRITICA POLITICA

N.º 4--1915



EDIÇÃO DOS AUTORES

Campo de S. José—BARCELOS

Domingos Ferreira e
Francisco Guimarães



Alerta

2ª SÉRIE

PUBLICAÇÃO SEMANAL DE CRÍTICA POLITICA



N.º 4-1917

EDIÇÃO DOS AUTORES

Campos de S. José - BARCELONAS

C.M.B.
Biblioteca

Domingos Ferreira e
Francisco Guimarães

Alerta

2.^a SÉRIE

ANALISE Á POLITICA ACTUAL

SUMARIO:

A MONARQUIA—A causa unica da sua deposição. A impossibilidade absoluta de uma revolução que a restaure.

INSTRUÇÃO PUBLICA—O Estado não quer saber da instrução publica. Nada adiantamos, depois do advento da Republica, com respeito a este importante assunto. A instrução é mais um pretexto para fabricar empregos.

BRASILEIROS DE TORNA VIAGEM—A sua vaidade e ignorancia são os motivos de não quere-rem ser nossos compatriotas. O verniz das viagens aumenta-lhes as pretensões a homens cultos mas não lhes ensina a escrever. A extensão dos seus conhecimentos gerais é mais diminuta que o cumprimento dos seus pés.

PREÇO, 2 CENTAVOS (20 RÉIS)

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA DE "O COMERCIO DA POVOA DE VARZIM"
Santos Graça & Frasco.

C. M. B.
BIBLIOTECA

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA

3554



A MONARQUIA

Os crimes da monarquia foram a causa unica da sua deposição.

O argumento de que a propaganda republicana contribuiu para extinguir esse regimen, para aniquilar essa forma de governo, não tem uma base sensata em que apoiar. O espirito moderno, o raciocinio contemporaneo contribuíram poderosamente para o estabelecimento da Democracia que hoje orienta os destinos do país. Todavia esse espirito de novidade, esse raciocinio inspirado na liberdade de sufragio, estava muito longe de provocar uma reação pratica que resultasse a queda de um regimen, o fim tragico de um reinado.

A benevolencia popular pela conservação de uma ideia de governo é facto averiguado em todas as nações do mundo, em todos os povos do Universo, quando essa ideia de governo estabelece



uma administração rigorosamente honesta, os processos legislativos se justificam no mais absoluto criterio, na mais ampla equidade, e o seu proceder politico merece a consagração, o aplauso, o consenso unanime de toda a gente.

Póde essa forma de governo estar condenada pela caduca idade que mantem, póde o pensamento de progresso repudial-a pela velhice dos seus principios, póde o seu sistema de posse hereditaria inspirar-nos a mais completa aversão: se o seu programa de administração se fundar no extenso campo da justiça, a tolerancia do povo dar-lhe-á o seu apoio, protegendo-a com a defeza indestructivel da sua opinião. A monarquia portugûesa estava, porém, divorciada da opinião publica do país. A anarquia da sua administração era o cumulo da insensatês, o produto da mais parva ignorancia. Os crimes que mantinham no governo os marechais dos partidos politicos enchem de lodo a historia de um reinado. O protesto publico contra a dissolução da nossa nacionalidade,—dissolução claramente prevista pelo criminoso, incompetente e mau criterio de governar—rebentou imprevistamente, como um trovão, no movimento de 31 de Janeiro de 91. O pasmo produzido por este movimento foi enorme. As camadas governativas sentiram o primeiro abalo moral sugerido pelo efeito da revolta de um povo que se julgava morto ou paralisado pela inercia.

O sentimento da responsabilidade fez tremer de receio as quadrilhas da monarquia, que viviam rodeadas de um luxo oriental e dissipador. O erario publico confundia-se com os haveres pessoais do chefe de Estado, com os dos seus ministros, com os dos seus politicos. Dos cofres da nação saía dinheiro para viagens ao estrangeiro, para passeios de recreio absolutamente estranhos a representação official, para compra de automoveis, de barcos de luxo; para despezas com jantares monstros onde se exerciam com extrema liberdade e audacia actos de verdadeira sensualidade romana.

Completamente estranha á opinião do país a monarquia ignorava, contudo, o fermento de revolta que lhe preparava a ruina. Os politicos que constituíam a roda de conselheiros que cercavam o infeliz e degenerado rei deposto tratavam de organizar clientelas para defeza da politica pessoal mas esqueciam, no seu fraco cerebro de esbanjadores, de criar um partido monarchico consciente e sincero que, na hipotese de uma reacção popular, tentasse com firmeza defender o trono já uma vez ameaçado.

Os roubos continuaram com o descaro inaudito que provoca sempre a ultima degradação moral. O rotulo de honestidade, a charlatanesca oratoria pregando moralidade foi decaído a pouco e pouco por falta de crentes.

O roubo estava legalisado dentro do regimen

monárquico. Toda a série de roubalheiras tinha a sanção de lei dos governos constituídos. O país vivia num ambiente de absolutas e claras «escroqueries», onde o arbitro político dominava, onde a vontade pessoal se impunha. A lei era letra morta para castigar as infâmias praticadas pela gente que defendia a estabilidade do rei na gerencia nacional. Os jornais eram suspensos quando aludiam aos adiantamentos todos os dias exigidos pela monarquia. Com o pretexto de despezas para conservação dos palacios do Estado saíam grandes quantias para realisação de bandalheiras reaes, actos de tão flagrante imoralidade que se assemelhavam a verdadeiras orgias de tempos remotos.

O povo morria de fome; mas as altas camadas da sociedade, integradas incondicionalmente na existencia de dissipação e pandega em que se vivia, aplaudiam com ardor esse lastimavel estado de coisas.

Os governadores civis retiravam para despezas realisadas com festas de recêções a ministros, para despezas de eleições, para compra de votos, do subsidio destinado á beneficencia publica, importantissimas quantias. A desordem e o roubo adentro da monarquia tornaram-se em actos perfeitamente assentes e vulgares. A Companhia do Niassa, os caminhos de ferro do Estado, as repartições publicas, o Credito Predial e outras colectividades dependentes da administração do

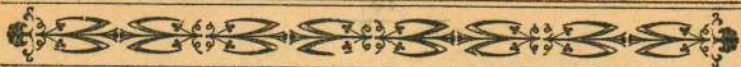
governo, foram um elemento de alto valor para colaborar no aumento fabuloso da fortuna dos politicos da monarchia. As contribuições publicas, demasiadamente peizadas para a bolsa das classes vivas do país, não eram applicaveis aos vultos graduados que da vida politica faziam uma profissão.

A consequencia desta situação era uma proxima banca rota, a dissolução nacional, a perda da nossa autonomia. O estrangeiro negava-nos empréstimos desde que lhos não caucionassemos com hipotecas de valor muito superior ao numerario pedido. A nossa situação financeira chegou ao ultimo descalabro. Dividas interna, externa e flutuante a crescerem assombrosamente. As receitas geraes do Estado mal chegavam para pagar ao funcionalismo publico. O fim da monarchia chegava. O 5 de Outubro de 910 foi um acontecimento perfeitamente natural dentro de um organismo ainda com vigor fisico. A reação moral esteve sempre viva na alma popular. Não foi, pois, o fruto de uma corrente de raciocinio moderno, de uma propaganda inteligente e cõstante que provocou a proclamação da Republica. Os crimes do regimen defunto foram a causa unica da sua morte. Uma restauração monarchica só pôde ser admitida por cerebros fracos; degenerados ou maus. Não se pôde reabilitar um criminoso quando sobre êle pezam as mais graves responsabilidades de roubos, de latrocinios, de incompetencias, de crimes, de traição á patria. A monarchia morreu cheia de po-

dridão. Os seus defensores actuaes, zelam a memoria que desse regimen resta para lhe chuparem os ultimos vintens que a imbecilidade dos comendadores de além-mar ainda de tempos a tempos lhe concede. Na morte, como na vida, a monarchia só teve consigo aquêles que da consciencia fazem uma hospedaria, não olhando para os interesses da Patria. Pensar em restaurar uma monarchia é desejar a regressão à vida de expedientes criminosos, é pedir uma intervenção estrangeira. A maioria do pais não o consentirá.

O regimen de infamias morreu para sempre, encharcado totalmente na gangrena da sua decomposição.

F. G.



Instrução Publica

Até hoje não se tem tratado a sério do que diz respeito ao bem geral das classes produtoras.

Um dos assuntos que ha muito devia merecer o maior interesse da parte dos nossos dirigentes é a instrução publica. As proprias escolas moveis que deviam beneficiar as iletradas camadas populares, não têm servido senão para colocar individuos de mediocre intelligencia, que nunca se demonstraram publicamente profissionais do ensino. Não é para admirar. Ou não fosse a criação dessas escolas produto de um ministro que só se recomenda pela sua reconhecida inaptidão, pela acumulação de empregos que exerce e cujo rendimento lhe enche assombrosamente as insaciaveis algibeiras.

São estes e outros senhores que tem furiosamente mutilado o programa republicano. A

linha de equidade, o principio de justiça foram calcados com desassombroso interesse pessoal por parte daquêles que se diziam patriotas dedicados. As imensas, mas imprescindiveis reformas que se prometiam pôr em execução quando a Republica fosse um facto, puzeram-se de lado — simples engodo para captar almas que viviam na doce ingenuidade de acreditar em palavras sonoras, retumbante oratoria de ocasião.

Vagas promessas que se desfizeram como o fumo de um saboroso cigarro. Então berrava-se nas gazetas e nos varios comicios de propaganda que o país necessitava de uma educação consentanea com a saa feição essencialmente agricola. Criação de escolas praticas que viessem substituir os liceus *politicos*, que a monarquia se viu na contingencia de abrir para satisfação de certos magnates locais, verdadeiros regulos que dispunham á vontade do voto do eleitor sacrificado. Esses liceus continuam a funcionar, vivendo por imposição dos antigos maiorais do caciquismo, que ainda hoje enxameiam o país. Não produzimos coisa alguma sobre este importante ponto de vista. São os mesmos processos. As tão decantadas escolas de industria regional ficaram para sempre esquecidas nas dobras do papel. A sua fundação seria de resultados mais proficuos que a sustentação de liceus em vilorias de terceira ordem. Iria criar, assim, novas gerações de

operarios conscientes, de artistas conhecedores do seu *metier*. Aos que dirigem a agitada barcaça da politica, as forças vivas do país não lhes merece a mais insignificante consideração.

Enganam-se redondamente.

São êles que pelo seu herculeo esforço, não obstante o quasi nulo auxilio do Estado, ainda concorrem para que milhares de portuguezes não tenham de recorrer, nesta triste situação actual, á caridade publica.

A divulgação do ensino profissional é um plano de grande alcance para os que vivem honestamente na tarefa quotidianade trabalhadores incansaveis. A tola rotina de velhos processos desapareceria. Desta forma evitar-se-ia que tantos artistas de raça que hoje se recomendam pela sua intuição, vivessem na penumbra de um trabalho imperfeito.

Faltam-lhes bons mestres que com carinho a dedicação os guiassem nos multiplos aspectos de arte e industrias regionalistas. Esta fundação de institutos de ensino pratico evitaria que inumeros rapazes, á falta de outros cursos, se matriculassem nos liceus, onde um pavoroso numero desiste de ultimar os preparatorios.

Os pais não tem meios, o que succede na maioria, e depois eil-os quasi sempre á cata de uma colocação que lhes dê o sufficiente para viver arredados das vergonhas do mundo.

Tres ou quatro anos de tirocinio liceal levam o individuo a alheiar-se da vida positiva, comprehendida na abstenção de tudo que não seja emprego publico.

D'aí o ser-mos nm país com uma lavoura vergonhosa e meia duzia de fabricas que representam a nossa pobre industria nacional.

D. F.



Brazileiro de torna viagem

Uma grande maioria desta classe é que mais me irrita o sistema nervoso quando me vejo na necessidade de conviver com a mesma.

O brasileiro torna viagem é sempre uma criatura ridícula, eivada de pretenções tolas estribadas no seu muito dinheiro. Discutem com audacia todos os assuntos. Não olham á sua qualidade de humildes pessoas que debandaram ás terras brasílicas com um unico recurso — os seus ombros fortes e a boa vontade de trabalhar laboriosamente. São figuras ecleticas na asneira. Julgam conhecer como ninguem os segredos de qualquer profissão, por mais delicada ou difficil que éla seja. A politica para esses caricatos individuos não tem difficuldades. Planos economicos e reformas uteis afforam-lhes no pesado cerebro como tortulhos em putrida montureira.

Quando senhores de uma razoavel fortuna, deixam o Brazil em direcção á Europa.

Abalam até Paris — a cidade da luz e do luxo — onde num grande armazem de modas compram com dificuldade, atendendo á grandeza das manapulas, um par de luvas de lã vulgar. Enfiam-nas com presunção idiotan o bolso superior do *pâletot*. Bamboleando as carnes já amachucadas pelo rigor do clima tropical, percorrem, quais pachidermes, as vastas galerias dos muzeus, olhando para os quadros com a inconsciencia do valor artistico que possuem, criticando-os pela riqueza das molduras douradas. Uma semana de permanencia na capital do mundo culto e meia duziã de dias na Suissa, para ascender ás alturas quasi inacessiveis das montanhas, onde se disfruta o vasto panorama dos gelos.

E' isto o suficiente para estes vaidosos exporem apenas uma encadernação luxuosa de energumenos. O bastante para elles poderem dizer afoitamente por entre baforadas de caro charuto *Danemann* que são criaturas viajadas e que o seu paiz é uma casca de nós e que nada tem que o recomende sob qualquer dos varios pontos de vista. Julgam a grandeza moral e intellectual dum povo peio seu desmezurado tamanho. Seguem a teoria das grandes orelhas...

Enchem a boca com mil inconveniencias, bacoradas irritantes, quando se metem a apreciar a nação que lhes foi berço natal. Nada lhes agrada á sua pretenciosa, balofa critica, irritando-os alvavelmente o regimrn

republicano. Sentem a falta da monarquia que lhes alquilava a troco de alguns contos de reis um titulo de nobreza, para tristemente esconderem o modesto nome dos seus progenitores. Não reparam esses inatoides que no Brazil tiveram por começo de vida o encargo de puxar os queixos de umas fogosas bestas. Na sua absoluta inconsciencia são criaturas deste jaez que manifestam publicamente desejos de se naturalisar estrangeiros, como ha dias ouvimos a um dos muitos que andam á redea solta por esse paiz.

Têm razão. No Brazil são conhecidos como *galé-gos* e d'ai a tendencia ingenita de andar com as malas ás costas...

D. F.

republicano, sentem a falta da moralidade que lhes
alguém a frou de alguns contos de reis um milhão de
pobres, para tristemente estenderem o modesto nome
dos seus progenitores. Não reparem essas manias que
no Brasil tiveram por começo de vida o encargo de
pagar os direitos de umas fogosas portas. Na sua visão
tão insensateada são criaturas de um sex que muitas
tão nobilmente despois de se naturalizarem estrangeiros
como há dias ouvimos a um dos muitos que andam a
falta sóta por esse país.

Um facto. No Brasil são conhecidos como vel-
hos e daí a tendencia ingenua de andar com as costas
das costas...

D. R.

[Faint, mostly illegible text in the lower half of the page, possibly bleed-through or very faded print.]

July 4

1776

1776



C.M.B.
Biblioteca

Baron

Sydney

Diante

Sham

Sham-w-lic

Success

